

INDIOS E COLONOS

Suruí retomam as suas terras

A Após uma longa e exaustiva espera, o território Suruí, no município de Cacoal, está quase livre da presença de invasores. Atritos ali foram constantes, desde que se iniciou a ocupação da área, primeiro por seringueiros e garimpeiros, e mais recentemente pela frente pioneira da colonização.

Apesar de todo o sofrimento que esse povo viveu com a morte de mais de 50% de sua gente, ainda possui um certo grau de organização e consciência. Por isso, resistiu. Em 1979, houve pelo menos duas incursões importantes que provocaram tumulto e temor entre os colonos. Era a única maneira dos índios justificarem aos brancos que "a terra tinha dono". Não faz muito tempo, um grupo de jovens Suruí surrou alguns colonos com cipoadas. E o sequestro de ferramentas e até mantimentos, também serviu como severa advertência.

Se a Funai fez vistas grossas, os que se dedicam à causa indígena não se esquecem de que o governo de Rondônia tem pérfidas intenções com relação ao povo indígena, pois em outubro de 1979, chegou ao absurdo de dizer que "precisamos ser Estado, e para isso, aumentar a produção, arrecadação de impostos. Os índios não colaboram nisso..."

NÔMADES QUE SE REDUZEM

O povo Suruí é semi-nômade e vive tradicionalmente nas matas entre os rios Ji-Paraná, Branco e Roosevelt, a Sudeste do Território de Rondônia. O nome Suruí foi dado pelo falecido sertanista Francisco Meireles, que também contactou os Cinta-Larga. De acordo com os missionários Roberto Zwestsch e Lori Altmann, luteranos expulsos pela Funai da área do Parque Indígena do Aripuanã, o nome que o próprio povo indígena se atribui é "Paiter" ("Nós somos gente, nós somos povo, nosso povo").

Houve várias reduções nessa nação, que no passado chegou a ter 1.200 pessoas. Quando Roberto e Lori chegaram à área, em setembro de 1978, falava-se em apenas 300 índios. Feito um criterioso trabalho, com o auxílio do linguista Bill Bontkes, esses missionários apresentaram o seguinte resultado: 169 Suruí e oito Cinta-Larga. A tribo, associaram-se 22 Cinta-Larga, devido a casamentos geralmente são os jovens Suruí que se casam com as mulheres daquele grupo.

A colonização, da forma como ocorreu, desordenada, abrupta, violenta, fatalmente entrou em choque com os índios, os quais defenderam a todo custo o direito à terra que habitam há vários anos. Em 1976 eles pegaram em armas (além das flechas, espingardas e garruchas) para expulsar colonos sulistas, mas cederam diante da visita do general Ismarth Araújo Oliveira e outros funcionários da Funai, que lhes renovaram as promessas de recuperar o patrimônio ameaçado.

Os estudos dos missionários luteranos atribuem a eles o nomadismo na estação da seca, ou no chamado "verão amazônico": nessa ocasião os Suruí se dividem em pequenos grupos, cada qual com seu lugar para caça, outrora abundante. Com a invasão de suas terras eles foram afastados para bem longe do lugar onde se encontravam, o que só lhes prejudicou.

E OS COLONOS SAEM

Se os brancos plantam suas lavouras, os Suruí também cultivam roças de milho, cará, inhame, batata doce, mandioca, amendoim, banana e mamão, completando sua dieta com a coleta de diversos frutos do mato como a castanha-do-pará, o coco, o mel, o gongo (uma larva que se cria no interior do coco babaçu), o cacau, o palmito e frutas diversas.

As pressões dos sulistas e das empresas de mineração que pesquisam várias áreas do Parque Aripuanã à cata de diamantes e cassiterita, junta-se a disseminação de doenças, que acabaram com mais da metade da população dessa tribo.

Os índios não têm como reagir diante de uma epidemia, reconheceu em 1976, o sertanista José do Carmo Santana, o "Zé Bel", ao deixar a direção do Parque Indígena, cargo para o qual voltou há algumas semanas, substituindo seu colega Aimoré Cunha da Silva. Naquela época, "Zé Bel" denunciava ao então presidente da Funai, general Ismarth, o alto índice de doenças venéreas entre aquela tri-



As crianças Suruí com este chão garantido. Até quando? (Foto: Pe. Mário Fioravanti)

bo. Em 1972, uma epidemia de sarampo dizimou dezenas deles.

No dia 14 de julho, uma terça-feira, parecia começar uma operação que marcaria o fim de um rosário de violência contra os Suruí: agentes das Polícia Federal e Civil, policiais militares e as próprias autoridades da PF e da Secretaria de Segurança, davam início ao despejo dos colonos que ocupavam o território indígena nos últimos cinco anos. Uma operação com altos e baixos, registre-se.

Quatro anos depois do recrudescimento dos conflitos no Posto Indígena, as famílias invasoras foram, afinal, convencidas a deixar a área. O Incra, ao lado da Funai, e da Polícia, teve um comportamento implacável, em parte talvez para reparar seus erros históricos, pois foi acusado de permitir a ocupação do território indígena, pelos sulistas. Ao invés de 35 famílias, conforme anunciou-se inicialmente, sairão até o final deste mês, ao todo cerca de 60.

Quase ao meio dia daquela terça-feira, o agricultor Belino Rosa, de 65 anos, surpreendeu-se com a chegada dos policiais. Foi logo dizendo que conhecia e era amigo de alguns índios; protestando: "Não saio, hoje não vou sair. Saio nada... tenho que colher o meu café, vocês não vão me deixar nem fazer isso?"

Para alguns agentes federais, "ele veio com a mesma conversa das vezes anteriores, quando a gente esteve aqui para avisá-los de que deveriam deixar essas terras". A maioria dos colonos tinha café, mandioca, milho, arroz, e uma enorme criação de porcos e galinhas. Alguns, durante o início da operação, conseguiram rumar para Alvorada d'Oeste, onde receberam lotes, carregando parte de seus pertences e benfeitorias.

CADE A ORDEM?

Para demonstrar "interesse em defesa do patrimônio Suruí", o governo de Rondônia reverteu seu comportamento anti-índio. Por isso mesmo, não poderá eximir-se de alguma culpa na maneira como despejou as famílias, quase ao estilo de Nonoai, no Rio Grande do Sul.

Diante de alguns protestos, os policiais não tiveram outra resposta aos colonos, senão a de que "as ordens para sua retirada partiram de Brasília". É que eles insistiam em saber qual o aparato legal para serem postos fora dali. E até advertiram a Polícia, de que não sairiam se esta não lhes apresentasse "o papel do juiz" (queriam dizer: mandado).

No final de 1980, recém chegado a Porto Velho, o juiz Augusto José Alves concedeu uma liminar de manutenção

de posse favorável às famílias invasoras. Mais tarde, essa decisão foi derrubada pelo Tribunal de Justiça do Distrito Federal e Território, a quem a Funai recorreu invocando o Estatuto do Índio.

As famílias das linhas oito e nove encontram-se abrigadas sob barracas, onde deverão permanecer até que o Governo construa uma prometida estrada de acesso aos seus lotes.

Numa das linhas, dona Dorvalina dos Santos, baiana, mãe de sete filhos, cujo marido, sr. Rosalvo Ferreira Santos plantou ali 12 mil pés de café, criou 70 porcos e dezenas de galinhas, desculpou-se aos policiais e fez apelos: "Meu marido está ajeitando o lote em Santa Luzia. Vamos sair, sim, mas não podemos deixar nossa criação e a nossa lavoura sem tirar nada. Meus trens de casa eu não dou nem por 200 milhão (200 mil cruzeiros), e não vou levar no meio dos porcos. Cada coisa tem que ir no seu lugar". E completou, entristecida: "Nós não somos culpados disso".

MELHORANÇA, TAMBÉM CULPADOS

Os Suruí da linha 14 foram levados para o Posto Sete de Setembro no segundo semestre de 1977, pelos funcionários da Funai. O grupo foi atraído para as imediações daquela vila pela Colonizadora Itaporanga, dos Irmãos Melhorança. Muitos espertos os Melhorança: em troca de uma roça e uma assistência mínima, grilaram do povo Suruí cerca de um milhão e 200 mil hectares.

A colonizadora, ilegalmente, foi a grande responsável pela invasão do território indígena por colonos de vários Estados brasileiros. E pelos registros históricos, essa ocupação repentina, não ocorreu de modo pacífico, pois verificaram-se vários conflitos.

Sabedor dessa história e de tantas outras que só evidenciam um processo genocida, além de altamente desconfiado, o líder jovem Itabira perguntava no dia 15 de julho ao delegado da Funai, Apoena Meireles, junto a uma maloca do Posto 7 de Setembro:

— Apoena, yara sair mesmo? — e quando Apoena concordava, dizendo que os brancos, deixariam mesmo a reserva, o jovem colocava dúvidas: "Quero ver. Saem todos? Quero ver..."